

O audiovisual como dispositivo de conscientização e mobilização social¹

Jupiter PORÃ²

Vanessa MAIA³

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

RESUMO

Pretende-se com esta pesquisa, que está em andamento, analisar a construção discursiva do documentário da Netflix, *A Morte e a Vida de Marsha P. Johnson*. Nesta primeira fase da pesquisa, analisa-se o documentário citado a partir dos aportes teóricos de Judith Butler (2009); Paul Preciado (2015); Bill Nichols (2015) e Arlindo Machado (2000). Deseja-se com este estudo compreender as questões de representatividade da comunidade trans negra no audiovisual e o impacto dessas narrativas no cotidiano deste grupo social e, também, fora dele.

PALAVRAS-CHAVE

Audiovisual; Estudos de Gênero; Documentário

INTRODUÇÃO

O documentário *A Morte e Vida de Marsha P. Johnson*⁴ (2017), dirigido por David France, constitui um registro audiovisual que transcende a mera investigação de um caso criminal. A obra resgata a história de Marsha P. Johnson, mulher trans e ativista, enquanto denuncia a violência sistêmica contra pessoas transgênero, especialmente negras e latinas, nos Estados Unidos. Através de uma abordagem que mescla elementos de documentário investigativo e poético (NICHOLS, 2015), a produção evidencia como

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos Audiovisuais GT 16SE, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Aluno do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/AF/UFSJ/MG com projeto aprovado pelo edital 005/2024/PROPE - PIBIC/CNPq/UFSJ e PIIC “Transgeneridade e negritude: o impacto do audiovisual na representatividade de identidades marginais”, sob orientação da Profa Dra. Vanessa Maia. E-mail: jupiterpora@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PROMEL). Professora do Curso de Jornalismo, do Departamento de Comunicação Social(DCOMS), ambos da Universidade Federal de São João del-Rei. Jornalista. E-mail vanesssamaia@gmail.com

⁴ Disponível em Netflix.com.br

a marginalização dessas identidades se perpetua não apenas no campo social e político, mas também na própria construção narrativa da história LGBTQIA +.

Inferimos que o audiovisual desempenha um papel fundamental na construção de memórias e identidades sociais, por conta de seus mecanismos de projeção e identificação (MORIN, 1990). No caso de *A Morte e Vida de Marsha P. Johnson*, a obra se distancia de uma representação sensacionalista ou vitimizadora e opta por uma abordagem que enfatiza a luta e a resistência das pessoas trans. O uso de imagens de arquivo resgatam momentos históricos frequentemente apagados ou minimizados, conferindo às personagens uma complexidade que vai além do discurso da marginalização. A escolha de Victoria Cruz, ativista trans contemporânea, como guia investigativa da narrativa reforça a continuidade histórica da luta trans. O documentário, ao alternar imagens do passado com registros atuais, estabelece uma conexão direta entre a violência sofrida por Marsha na década de 1990 e a realidade contemporânea, evidenciando a persistência de estruturas de opressão. Dessa forma, a obra atua não apenas como um resgate histórico, mas também como uma denúncia da continuidade da marginalização das pessoas transgêneras.

Um dos aspectos mais contundentes do documentário é a exposição da negligência institucional no caso de Marsha P. Johnson. Sua morte foi rapidamente registrada como suicídio, sem uma investigação adequada, mesmo havendo evidências de violência. Esse tratamento reflete uma realidade estrutural: a desumanização das vidas trans e a indiferença do sistema judicial e policial diante da violência contra essa população. A marginalização de Marsha, contudo, não se deu apenas por parte do Estado, mas também dentro do próprio movimento LGBTQIA +. O documentário aborda como mulheres trans, travestis e pessoas negras foram historicamente excluídas dos avanços conquistados pelo movimento, cujas pautas passaram a ser dominadas por uma agenda mais assimilacionista, voltada para direitos de gays e lésbicas brancos e de classe média. Esse fenômeno de exclusão intra-movimento é visível na luta de Sylvia Rivera, contemporânea e companheira de Marsha, que enfrentou resistência ao tentar incluir as questões trans na agenda política LGBTQIA +.

A representação de identidades marginalizadas no documentário não se limita a uma revisão histórica, mas também estabelece conexões com o cotidiano de pessoas transgênero na atualidade. A invisibilização da violência contra essa população continua

sendo uma realidade, assim como a precarização das condições de vida. Dados atuais demonstram que pessoas trans, especialmente negras e latinas, enfrentam taxas desproporcionalmente altas de assassinato, desemprego e falta de acesso a serviços públicos. O documentário também reforça a necessidade de resgatar e preservar as histórias de figuras trans na luta pelos direitos LGBTQIA +. Ao dar ênfase à luta de Victoria Cruz e sua busca por justiça, a obra sugere que a memória de Marsha P. Johnson não deve ser apenas lembrada, mas servir como um alerta para as falhas institucionais e a urgência de mudanças estruturais.

METODOLOGIA

Preliminarmente, a metodologia adotada é a da pesquisa bibliográfica, alicerce para a acuidade do olhar no entendimento do audiovisual citado. Judith Butler (2009) afirma que toda forma de violência (e estamos entendendo aqui o preconceito como uma seminal forma de violência, capaz de gerar todas as demais) está calcada em uma ética que acredita - e por acreditar, pratica - que é muito fácil eliminar uma vida humana. Depois, que esta “ética da violência” coloca em funcionamento todo o seu conjunto de valores capazes de decidir. Assim, todas as vidas, independente se somos ou não alvo do preconceito, começam a se precarizar porque a redução da vida e a impossibilidade de sua expansão, começa com a precarização da vida do outro. E é no exato momento em que reduzimos existências alheias, que reduzimos também a nossa vida; que reduzimos o mundo e o pensamento.

Como enfrentar toda esta redução ou precarização? Onde localizar os desejos de fala e de escuta? Que ferramentas temos para amplificar o que precisamos ver e ouvir? Atualmente, em tempos de múltiplas telas, acreditamos que a produção de documentários pode ser uma trilha a ser percorrida. É possível, segundo Arlindo Machado (2010), estudioso do cinema, do vídeo e da televisão, produzir pensamento a partir do audiovisual. E os documentários são, dentre muitas definições, filmes que representam uma causa (NICHOLS, 2005). A produção de documentários existe porque se deseja representar um mundo social, a partir de questões éticas que invocam uma série de temas que precisam ser defendidos, ter voz sair da invisibilidade.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Um documentário sempre busca conquistar um consentimento ou influenciar opiniões (NICHOLS, 2005:31). Entendemos, a partir de Butler (2009) que as representações midiáticas das diferenças estão silenciadas. Ou invisibilizadas. Atualmente, no registro audiovisual televisivo contemporâneo, existem questões que não aparecem na vida pública, nos limites de um campo de visibilidade publicamente reconhecido (BUTLER, 2009, 21). Os rostos das diferenças, segundo a autora, nos são privados ou nos são apresentados como o rosto do mal. E esta representação nos “autoriza” a ficarmos insensíveis ante as vidas que temos eliminado (BUTLER, 2009,21).

Pensamos então, a partir das reflexões de Arlindo Machado e Judith Butler que é preciso estudar audiovisuais que se importem, que se impliquem no assunto. Trazer à tona rostos que existem, que estão alijados de uma sociedade que em seu contexto contemporâneo vive uma onda de conservadorismo e retrocesso quando o assunto é a inclusão do outro nos direitos.

A Morte e Vida de Marsha P. Johnson se destaca não apenas como um documentário biográfico, mas como uma obra de caráter político e social. Através de sua estrutura narrativa que combina investigação, resgate histórico e denúncia, o filme expõe a persistente violência estrutural contra pessoas trans e sua exclusão dentro de diferentes esferas sociais. Ao resgatar a memória de Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, o documentário contribui para a revisão crítica das histórias LGBTQIA+, ao mesmo tempo em que reforça a necessidade de uma luta inclusiva e interseccional. Seu impacto transcende o campo do audiovisual, funcionando como um dispositivo de conscientização e mobilização social para as questões trans e suas demandas urgentes.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. Vida Precária: el poder del duelo y la violencia. Buenos Aires, Paidós, 2009.
- CASTELLS, M. O Poder da Identidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- MACHADO, Arlindo. A Televisão levada a Sério. São Paulo, Senac, 2000.
- MORIN, Edgar. Cultura de Massas no século XX : o espírito do tempo, v.1.: neurose, 8. Rio de Janeiro, RJ; Forense Universitária, 1990.
- NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas (SP): Papirus Editora, 2005.
- PRECIADO, Paul B. Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. 1a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2022.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Campinas/SP - 15 a 17/05/2025